



25 a 28  
setembro  
2024  
Campus Central UEPG  
Ponta Grossa | PR

Explorando as Interseções das Inteligências  
Artificiais na Sociedade Atual

Realização:



Apoio:



COMTURPG



## ÊXODO RURAL: PERMANECER NO CAMPO OU MIGRAR PARA AS CIDADES, O DILEMA ENTRE OS JOVENS DA REGIÃO DAS MATAS DE MINAS

### RURAL EXODUS: STAYING IN THE COUNTRYSIDE OR MIGRATING TO CITIES, THE DILEMMA OF YOUNG PEOPLE IN THE REGION OF MATAS DE MINAS

#### ÁREA TEMÁTICA: GESTÃO DE PESSOAS

Reginaldo Adriano de Souza, UNIFACIG, Brasil, reginaldoberbert@hotmail.com

Samara Henrique Domiciano, UNIFACIG, Brasil, 1910114@sempre.unifacig.com.br

Rita de Cássia Martins de Oliveira Ventura, UNIFACIG, Brasil, ritakmartins@hotmail.com

Anandy Kassis de Faria Alvin-Hannas, UNIFACIG, Brasil, anandy@unifacig.edu.br

Lilian Beatriz Ferrira Longo, UNIFACIG, Brasil, secretaria@unifacig.edu.br

#### Resumo

O atual estudo tem como tema central a permanência e/ou saída de jovens do campo ou comunidades onde vivem, habitantes da região de Manhuaçu. O artigo é baseado em teorias voltadas às práticas de gestão e incentivo da continuação dos trabalhos nas pequenas propriedades dos jovens entrevistados. Como objetivo principal buscou-se descobrir e analisar os principais motivos de permanência ou saída desses jovens das propriedades rurais de seus familiares e sua perspectiva quanto ao desenvolvimento do campo. Para isso, usou-se de entrevista semiestruturada, com um questionário adaptado de outro trabalho voltado ao mesmo tema, sendo a pesquisa qualitativa de caráter descritiva, com análise de dados. Os resultados de tal pesquisa mostraram que os jovens que decidiram permanecer na zona rural, o fez devido à boa qualidade de vida, tranquilidade e desejo de se autodesenvolver na propriedade onde vivem. Já aqueles que saíram da zona rural, foram para os centros urbanos em busca de oportunidades de emprego e estudo e porque geralmente, percebiam o trabalho rural como uma atividade sofrida e pouco valorizada. Com isso, conclui-se que os jovens que ainda são moradores da zona rural, em sua maioria não desejam sair, gostam da vida tranquila que o campo lhes oferece, e boa parte dos jovens que se mudaram do campo não voltaria para fins de trabalho, mas apenas para residir.

**Palavras-chave:** Jovem; Campo; Tranquilidade; Comunidade.

#### Abstract

*This study has as its central theme the permanence and/or departure of young people from the countryside or communities where they live, inhabitants of the region of Manhuaçu. This article is based on theories focused on*

*management practices and work in small properties of young people interviewed. The main objective was to discover and to analyze the main reasons of the permanence or departure of these young people from their family rural properties and their perspective about the development of the field. For this, a semi-structured interview was used, with a questionnaire adapted from another work which was focused on the same theme, and the qualitative research of descriptive character, with data analysis. The results of the research showed that young people who decided to remain in the countryside considered the good quality of life, tranquility and the desire to self-develop in the property where they live. Those people who left the rural area, went to urban centers to search for opportunities of employment and study because they generally perceive rural work as a suffered and undervalued activity. With this, it is concluded that young people who are still residents of the rural area, in the most part do not want to leave, they like the quiet life the countryside offers to them, and poart of the young people who moved from the field would not return for work activities, but only to reside.*

**Keywords:** Youth; Field; Tranquility; Community.

## 1. INTRODUÇÃO

A agricultura familiar e o meio rural têm sido palcos de transformações significativas desde a revolução industrial (Vieiro & Silveira, 2011), marcadas pelo surgimento da revolução verde no período pós-guerra. Esta revolução foi um marco crucial que integrou as famílias rurais ao cenário tecnológico, introduzindo novas formas de racionalidade produtiva no campo (Navarro, 2001). Atualmente, observa-se um intenso debate sobre o estilo de vida no campo, impulsionado pelo avanço das tecnologias de informação, pelo fenômeno do êxodo rural em muitas regiões do país e pela escassez de políticas de apoio que sustentem a permanência e o desenvolvimento dos pequenos agricultores.

O progresso tecnológico tem sido um catalisador não apenas para as grandes empresas urbanas, mas também para diversos setores, incluindo o meio rural, como apontado por Zarpelon *et al.* (2015). As tecnologias emergentes estão revolucionando as atividades agrícolas, promovendo qualidade e sustentabilidade, e proporcionando oportunidades para os jovens que buscam desenvolver as propriedades rurais.

Apesar desses avanços, os pequenos proprietários rurais ainda enfrentam desafios significativos. As políticas públicas frequentemente não atendem às suas necessidades, e a burocracia para regularizar as propriedades rurais é apenas um dos muitos obstáculos enfrentados pelos agricultores de pequeno porte, o que muitas vezes os leva a abandonar o campo (Arruda & Araújo, 2019).

O êxodo rural, com sua migração da população rural para os centros urbanos, tem consequências que reverberam por toda a sociedade, muitas vezes devido à falta de infraestrutura e serviços básicos adequados no meio rural. Além disso, a ausência de tecnologia e modernização na produção agrícola, aliada ao preconceito contra a população rural, são fatores que contribuem para esse fenômeno (Silva; Antoniazzi & Novak, 2019).

Diante desse contexto, este estudo se propõe a compreender e analisar os motivos que levam os jovens a permanecer ou migrar do campo, explorando suas principais implicações e aspirações, bem como as perspectivas em relação ao desenvolvimento das propriedades rurais e às oportunidades de empreendedorismo como sucessores das famílias agrícolas. Além disso, há um interesse em enriquecer o conhecimento sobre a administração rural na região estudada, buscando compreender as perspectivas futuras dos jovens agricultores.

Para alcançar esses objetivos, este trabalho está estruturado da seguinte forma: uma introdução, que delineou o contexto abordado; um referencial teórico, que apresentou as contribuições de diversos autores sobre o tema; uma metodologia, que descreveu o processo de pesquisa adotado; uma discussão dos resultados, que analisou os achados da pesquisa; e, por fim, uma conclusão e as referências utilizadas.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Após a Segunda Guerra Mundial, o mundo foi moldado por influências políticas e ideológicas que impulsionaram o desenvolvimento, e a agricultura emergiu como um dos setores beneficiados pelas tecnologias emergentes. Em 1960, surgiu a expressão "Revolução Verde", marcada pela convergência de avanços tecnológicos e a introdução de sementes geneticamente modificadas. Este movimento prometia não só aumentar a produção de alimentos, mas também reduzir a fome global. O agronegócio adotou essas tecnologias, como pesticidas e organismos geneticamente modificados, resultando em um aumento significativo na produção, mas também em desafios ambientais (Dutra & Souza, 2017).

A Revolução Verde transcendeu a mera evolução na tecnologia agrícola, tornando-se uma estratégia de desenvolvimento capitalista, projetada para manter o sistema capitalista e conter o avanço do comunismo. No Brasil, o governo militar utilizou a Revolução Verde para legitimar e fortalecer o regime, prometendo desenvolvimento rural sem reformas estruturais. Assim, a Revolução Verde se estabeleceu firmemente no país (Alves *et al.*, 2013).

De acordo com Matos (2011), a modernização da agricultura foi impulsionada pela Revolução Verde, servindo como base para aprimorar técnicas e procedimentos agrícolas. A biotecnologia, como herdeira da Revolução Verde, também desempenha um papel crucial no progresso rural, aplicando técnicas de engenharia genética na produtividade.

Entretanto, apesar dos avanços, a Revolução Verde não conseguiu reter os jovens no campo. Estudos de Breitenbach e Troian (2020) revelam que a desvalorização e a falta de incentivos no meio rural são razões pelas quais muitos jovens optam por migrar para áreas urbanas. Incertezas relacionadas às atividades agrícolas também motivam essa migração. Aspectos como o tamanho das propriedades familiares, as dificuldades do trabalho rural, as más condições das estradas, a falta de reconhecimento da agricultura familiar e os obstáculos na comercialização dos produtos contribuem para essa decisão. O processo de sucessão também é um desafio para os jovens agricultores, frequentemente associado à falta de diálogo e apoio por parte dos pais, além das dificuldades financeiras para se tornarem independentes.

Além dos aspectos mencionados, Breitenbach e Corazza (2017) destacam que muitos jovens rurais veem o trabalho agrícola como árduo e complexo, não se envolvem ativamente na gestão ou nas operações da propriedade e não recebem incentivo para fazê-lo, o que os desencoraja a permanecer no campo.

Spanevello *et al.* (2011, p. 302) também relatam tais desafios e dificuldades em seu estudo:

A partir da análise das falas dos pais, conclui-se que a recusa dos filhos em assumir o papel de sucessores passa por diferentes fatores: dificuldades do trabalho no rural, busca de lazer, contato com o urbano, redução do número de filhos por família, falta de abertura dos pais dentro da propriedade para o filho exercer uma atividade autônoma ou independente, busca da autonomia financeira, entre outros. Trata-se de fatores internos e externos às propriedades.

Grando, Magro e Badalotti (2019) destacam os desafios enfrentados na sucessão familiar no campo, especialmente relacionados às tecnologias de produção para pequenos proprietários, diversidade e práticas agroecológicas, que podem incentivar a permanência dos jovens nas áreas rurais. Além disso, apontam que políticas públicas mal direcionadas desencorajam ainda mais os jovens a continuarem as tradições familiares no campo.

Pesquisas sobre o tema também revelam que os jovens residentes em áreas rurais encontram dificuldades em acessar educação e emprego na cidade, e muitas vezes sentem falta de opções de lazer aos fins de semana. Esses jovens, muitas vezes provenientes de famílias com propriedades pequenas, enfrentam dificuldades financeiras (Troian; Dalcin & Oliveira, 2011).

Embora os jovens sejam frequentemente vistos como uma classe social privilegiada, na prática, enfrentam desafios antigos, especialmente no que diz respeito à hierarquia familiar no meio rural. Muitos jovens não são considerados responsáveis o suficiente para assumir propriedades e famílias, o que resulta em falta de diálogo e respeito por suas opiniões, dificultando sua permanência no campo (Castro, 2009).

As políticas públicas de difícil acesso são outro motivo para a migração dos jovens do campo. Muitas dessas políticas beneficiam apenas alguns grupos de proprietários, enquanto outros enfrentam dificuldades para regularizar suas propriedades e acessar créditos rurais (Arruda & Araújo, 2019).

A falta de apoio governamental afeta não apenas os jovens, mas toda a população rural. A ausência de incentivos para a produção agrícola e a falta de programas que beneficiem pequenos produtores contribuem para a migração para áreas urbanas (Farias; David & Melo, 2015).

Rabello, Oliveira e Feliciano (2014) afirmam que os jovens são particularmente afetados pela falta de perspectivas de reforma agrária e políticas públicas adequadas para áreas rurais. A lentidão e a falta de apoio do governo levam muitas famílias, especialmente os jovens, a deixarem o campo.

Um conjunto de fatores leva as famílias, especialmente os jovens, a praticarem o êxodo rural (Hein & Silva, 2019). No entanto, nos últimos anos, tem havido uma mudança nesse cenário, com alguns jovens reconsiderando a migração. Camarano e Abramovay (1999) observam que o campo possui um grande potencial econômico que pode ser explorado em sinergia com o meio urbano circundante. Tiherrero, Dalcin e Anes (2022) corroboram essa observação, destacando uma busca crescente por uma relação equilibrada entre campo e cidade por parte dos jovens. No entanto, o êxodo rural ainda é preocupante, resultando em uma população rural masculina e envelhecida, com as mulheres sendo mais propensas a deixarem o campo.

A tecnologia no campo desempenha um papel importante, permitindo que propriedades que adotam inovações tecnológicas se destaquem e otimizem sua produção. Além disso, a tecnologia aliada à sustentabilidade e à melhoria da qualidade de vida pode desencorajar a migração para áreas urbanas (Nunes *et al.*, 2018).

Cavalheiro *et al.* (2018, p. 12) destaca em sua pesquisa:

As fronteiras entre tecnologia e agronegócio tornaram-se mais próximas um do outro. O conhecimento deixou de ser privilégio e tornou-se fator de desenvolvimento da agricultura. Nesse contexto, a tecnologia da informação representa um canal privilegiado para o acesso à informação, fonte de conhecimento e uma possibilidade de equalização de oportunidades para todos os segmentos do agronegócio. Sendo assim, a difusão de tecnologias, tanto a TI quanto a TIC (especialmente a Internet), tornou-se uma necessidade para o agronegócio, buscando atender à demanda por informações e constantes atualizações.

As tecnologias de informação têm desempenhado um papel fundamental ao oferecer qualidade e oportunidades no campo, promovendo sustentabilidade e desenvolvimento. Essas ferramentas não apenas automatizam processos nas propriedades rurais, mas também facilitam as atividades dos jovens, promovendo o crescimento das fazendas por meio da utilização de tecnologias acessíveis e da capacitação dos usuários (Zarpelon *et al.*, 2015).

Salerno (2021) destaca que a agricultura moderna trouxe consigo um alto nível de dependência em relação à modernização das práticas rurais e ao uso de tecnologias, que estão cada vez mais mecanizando as propriedades.

Em estudos sobre a permanência dos jovens no campo, Buczenko e Rosa (2018) enfatizam que a educação rural desempenha um papel fundamental ao cultivar uma cultura que valoriza o campo, tanto entre os habitantes locais quanto no governo, que passa a reconhecer os benefícios de uma educação voltada para o meio rural. Isso, por sua vez, amplia as perspectivas de permanência dos jovens na zona rural.

Atualmente, a decisão de permanecer ou deixar as propriedades rurais é mais uma escolha do que uma necessidade. As condições de vida no campo têm melhorado consideravelmente, e a formação acadêmica, especialmente nas áreas agrícolas, incentiva os jovens a permanecerem no meio rural (Oliveira; Mendes & Vasconcelos, 2020).

Para que esses jovens se sintam preparados e confiantes para permanecerem no campo, é crucial que recebam apoio familiar e que acreditem em suas próprias capacidades. Além disso, a modernização e o empreendedorismo cada vez mais presentes no campo permitem que os proprietários mais jovens conciliem diversas atividades, tornando as propriedades mais eficientes e organizadas sem exigir um envolvimento total na gestão (Panno & Machado, 2014).

### **3. METODOLOGIA**

Com o intuito de analisar e compreender os motivos que levam os jovens a permanecerem ou deixarem o campo, foi adotada uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, utilizando a análise de conteúdo. De acordo com Gil (2002), a pesquisa descritiva busca descrever as características de uma população ou fenômeno a ser estudado, utilizando métodos padronizados, como questionários, entrevistas e observação sistemática.

A metodologia empregada buscou descrever as razões para a permanência ou saída dos jovens do campo por meio de entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistados 9 jovens que optaram por permanecer no campo e 8 que escolheram buscar oportunidades nas áreas urbanas da microrregião de Manhuaçu, situada na Zona da Mata de Minas Gerais. As unidades de análise foram determinadas com base na acessibilidade.

As entrevistas semiestruturadas, conforme descritas por Flick (2013), são guiadas por perguntas que fornecem uma base para a descoberta e análise de dados, permitindo flexibilidade para desviar o curso da entrevista conforme necessário. Esse método possibilita uma interação mais profunda entre entrevistador e entrevistado, buscando obter respostas e descobertas individuais sobre o tema em questão.

O roteiro de entrevista foi adaptado da obra de Novakoski (2021) e direcionado para atender aos objetivos do estudo. Quanto ao critério de análise, a pesquisa qualitativa foca no processo e em seu significado, utilizando o ambiente como fonte direta de coleta de dados. Não se prioriza a medição e numeração de unidades, mas sim uma compreensão mais profunda do contexto e das experiências dos entrevistados (Prodanov, 2013).

A análise de conteúdo, conforme Flick (2013), envolve a classificação dos conteúdos dos textos estudados em categorias derivadas de teorias pertinentes ao tema. São definidos os objetivos da pesquisa, a coleta de dados é realizada e o material é caracterizado e analisado de acordo com esses objetivos. A saturação de respostas é observada quando ocorre repetição de informações, momento em que a pesquisa é encerrada e os dados são analisados em busca de respostas para o problema de pesquisa.

### **4. Análise dos Resultados**

Com o propósito de explorar as perspectivas dos jovens em relação à vida no campo e compreender as razões que os levam a permanecer ou migrar da zona rural, conduziram-se duas séries de entrevistas com 17 moradores da região de Manhuaçu, com idades entre 18 e 30 anos,

distribuídos em 9 que optaram por permanecer na zona rural e 8 que escolheram viver na área urbana.

O roteiro de entrevista, fundamentado na obra de Novakoski (2021), buscou investigar as atividades principais dos jovens que permanecem no campo, os motivos que os mantêm lá, suas visões em relação à educação e oportunidades rurais, bem como suas percepções sobre as políticas públicas destinadas a incentivar as práticas de gestão rural. Adicionalmente, elaborou-se outra série de entrevistas voltada aos jovens que decidiram deixar a zona rural, seja em busca de melhores condições de vida ou por oportunidades de estudo e trabalho.

Quanto aos jovens que permaneceram na zona rural, dos 9 entrevistados, 6 são do sexo masculino e 3 do sexo feminino, com idades entre 18 e 30 anos. No que concerne à escolaridade, 6 concluíram o ensino médio, 1 concluiu apenas o ensino fundamental, 1 está cursando o ensino médio e 1 é graduado em curso técnico. Vale destacar que dois dos entrevistados estão em processo de graduação em cursos técnicos, um na área da cafeicultura e outro em tecnologia da informação. Em relação à renda familiar mensal, esta varia entre um e nove salários mínimos, sendo essa uma estimativa aproximada. Quanto às ocupações desses jovens, 5 são agricultores ou lavradores, 1 é estudante, 1 exerce função de auxiliar administrativo em uma fazenda próxima de sua residência, 1 é esteticista e 1 não possui ocupação no momento.

A principal fonte de renda das famílias dos jovens deste grupo de pesquisa é a cafeicultura, com atividades secundárias incluindo a criação de gado, o comércio de leite e obrigações, e a prestação de serviços à comunidade local. Dada a relevância do café na região em termos de produção e qualidade, não é surpreendente que o cultivo e o comércio do café sejam a principal fonte de renda dessas famílias. Um dos entrevistados que, além da venda do café como *commodities*, eles também comercializam café em grão torrado e moído, e oferecem serviços de torrefação para os vizinhos e pessoas de toda a região. Um caso notável é o de uma jovem entrevistada que possui seu próprio estabelecimento de estética na zona rural. Segundo relatos, para ela, viver na zona rural e ter seu próprio negócio valoriza a comunidade e traz comodidade e praticidade para as mulheres e homens que são seus clientes atualmente, além de "ser um incentivo a outras pessoas, especialmente mulheres jovens da zona rural que têm vontade de investir e permanecer no campo".

Quanto aos motivos pelos quais os levaram a permanecer no campo, o que mais foi relatado é o fato de viverem uma vida tranquila e harmoniosa no lugar onde residem. Um dos entrevistados relatou que: "Gosto do trabalho na roça, a liberdade aqui é maior, e temos uma renda até agradável, além de ser tranquilo e calmo, temos uma qualidade de vida melhor aqui". Percebe-se um sentimento de pertencimento e afeto pelo lugar onde vive, com todos mencionando de forma implícita ou explícita que se sentem satisfeitos em morar no campo, em trabalhar e buscar melhorias para as propriedades e para a própria comunidade. Além disso, nas falas dos entrevistados, constatou-se que o investimento na zona rural é de menor custo, tanto para viver quanto para trabalhar, além de ser uma forma de valorizar a comunidade e as pessoas que ali residem.

Outro aspecto abordado na entrevista foi a visão de cada jovem sobre o emprego e o trabalho rural. A maioria dos entrevistados concorda que o trabalho na zona rural está em crescimento e que muitas oportunidades surgiram após a modernização e implementação de tecnologias no cultivo e beneficiamento dos grãos produzidos ali. Nunes *et al.* (2018) corroboram essa percepção ao concluir que as propriedades que utilizam tecnologias de produção se destacam e agregam valor à sua produção. No entanto, alguns relatam a dificuldade em encontrar mão de obra para trabalhar nas tarefas. Um dos jovens destacou claramente esse fator: "O agronegócio está em crescimento, e hoje uma das maiores dificuldades é a falta de mão de obra".

Quando questionados sobre a possibilidade de cursar o ensino superior mesmo residindo na zona rural, todos concordaram que é possível se formar e ainda viver no campo, apesar das dificuldades. Os relatos deixam clara essa realidade: "Sim, eu acho possível, porque tudo é uma questão de esforço, embora o tempo seja apertado por causa do trabalho, acredito que quem realmente quer algo e se esforça consegue alcançar seu objetivo". Outro entrevistado afirmou: "É possível sim, basta se esforçar e buscar formas de obter bolsas e descontos, porque não é barato no final do mês, especialmente considerando o transporte". Um ponto considerado nesta parte do questionário foi as previsões que a internet e a internet trouxeram para os jovens do meio rural; as oportunidades de estudar e trabalhar em casa aumentaram significativamente, facilitando o ensino à distância e motivando os jovens de toda a região a buscar uma graduação. Além disso, a questão do transporte foi destacada, com serviços que agora se conectam desde pequenas comunidades até grandes centros urbanos; tem aumentado junto com o desenvolvimento das tecnologias e do mundo, corroborando a afirmação de Camarano e Abramovay (1999) de que o campo está se relacionando cada vez mais com a mobilidade positivamente com a cidade.

Além do que foi mencionado acima, buscou-se compreender o interesse desses jovens em fazer uma graduação, e apenas 3 deles não têm essa pretensão no momento. Dos que manifestaram o desejo de buscar uma formação universitária, a maioria manifestou interesse em cursar algo relacionado ao campo, como agronomia ou veterinária, promovendo agregar valor ao que já faz no meio rural e contribuir para suas famílias e comunidades.

Quanto à percepção deles sobre os incentivos das políticas públicas e municipais para promover a permanência e inserção de jovens no campo, 5 dos entrevistados afirmaram não ver apoio por parte do governo e dos políticos em valorizar e motivar a educação e o desenvolvimento no campo. Esses relatos corroboram as observações anteriores de Rabello, Oliveira e Feliciano (2014), que destacam como os jovens costumam ser os mais prejudicados pela falta de estímulos governamentais e pela escassez de políticas que garantem a dignidade dos moradores rurais. Durante as entrevistas, foi mencionada a necessidade de promover políticas de incentivo à educação e ao empreendedorismo para os jovens do campo, defendendo uma maior interação entre as instituições de ensino, instituições financeiras, agricultores e juventude rural, por meio de cursos, eventos culturais e concursos regionais de agricultura. Por outro lado, 4 entrevistados disseram que existem incentivos, como cursos de formação técnica oferecidos na região ou propostas de financiamento em instituições bancárias que buscam apoiar os produtores rurais.

Para concluir, foi feita uma pergunta sobre a intenção dos entrevistados de deixar o campo ou a comunidade onde vivem. Apenas 2 jovens manifestaram o desejo de sair do campo, caso surjam oportunidades de trabalho que estejam homologadas com suas aspirações profissionais atuais. Os outros 7 dizem não ter o desejo de deixar suas comunidades, especialmente porque se sentem confortáveis em suas propriedades familiares e desfrutam de boas condições de vida e tranquilidade.

A entrevista realizada com o segundo grupo, composta pelos jovens que optaram por deixar a zona rural, contou com a participação de 8 entrevistados, dos quais 6 são do sexo masculino e apenas 2 do sexo feminino. As idades desses jovens variam entre 18 e 30 anos, e a maioria deles está em fase de graduação (5 entrevistados), enquanto 2 concluíram o ensino médio e 1 é graduado em administração.

Quando questionados sobre a principal fonte de renda de suas famílias na zona rural ou onde moram atualmente, 7 responderam que se trata da cafeicultura e de trabalhos braçais, tendo apenas uma resposta relacionada a outra fonte de renda. A renda mensal familiar varia entre 3 e 6 intervalos mínimos.

Quanto à profissão que exerciam antes de deixar o campo, todos mencionaram atividades ligadas ao meio rural, como tratorista, agricultor, lavrador, e no caso de uma das entrevistadas, dona de casa, que também trabalhou com artesanato para obter uma renda extra.

Outra questão abordada na entrevista foi o motivo que levou esses jovens a migrarem para a zona urbana, ou seja, por que saíram das comunidades onde nasceram. Entre os argumentos citados pelos entrevistados estão a busca por melhor qualidade de vida, lazer, oportunidades de crescimento profissional, estabilidade financeira, emprego, estudos e o fato de considerarem o trabalho rural como pesado e cansativo. Como exemplificado por um dos entrevistados: "Saí porque a vida no campo é pesada, sofrida demais, e queria um futuro melhor pra mim e pra minha família, e pra ser independente e conseguir isso precisava sair, dependia do meu pai e acabava que o salário era insuficiente." Isso está alinhado com as observações de Breitenbach e Corazza (2017) sobre como os jovens do campo percebem as atividades rurais como difíceis. Uma das entrevistadas também teve influência dos pais em sua decisão de sair de casa para estudar e trabalhar, dada a pouca valorização do artesanato em sua comunidade.

Quanto à visão atual desses jovens sobre o trabalho ou emprego rural, houve variações entre perspectivas positivas e negativas. Alguns destacam a desvalorização do emprego rural, a falta de apoio e incentivo do governo e o caráter pesado e cansativo dos serviços. Por exemplo, um dos entrevistados afirmou: "As coisas melhoraram muito na zona rural quando a tecnologia passou a fazer parte do dia-a-dia dos agricultores, facilitou muito a mão de obra que antes era totalmente braçal, além de agilizar o processo. Porém, ainda há muita desvalorização com relação aos trabalhadores e pequenos proprietários, falta incentivo e ajuda por parte do governo." Essa percepção reflete as observações de Breitenbach e Troian (2020) sobre como a falta de apoio governamental desestimula os jovens a permanecerem nas comunidades rurais. Por outro lado, alguns jovens destacaram as oportunidades de crescimento proporcionadas pelo trabalho rural, a inovação trazida pela tecnologia e a conciliação entre campo e cidade.

Um dos entrevistados relatou que: "Quando saí, o trabalho rural era muito desvalorizado. Hoje, se tivesse que decidir, não sairia. Com as inovações rurais, daria para conciliar a carreira profissional no mesmo campo." Essa perspectiva confirma o que Panno e Machado (2014) mencionaram sobre como as tecnologias trouxeram comodidade e permitiram a conciliação de atividades no campo com outras, sem exigência de presença total. Ele também expressou uma mudança em sua visão do campo: "A visão que eu tenho hoje do campo é correspondente à que quando eu fui morar na cidade. Hoje, vejo mais oportunidades devido às entradas de tecnologias no campo." Além disso, destacou-se que para algumas pessoas, o trabalho rural é esmagador, visto como uma fonte de distração e bem-estar, especialmente pela facilidade e valor agregado que as redes sociais e os meios de comunicação trouxeram para o campo.

Quando questionados sobre a inserção do jovem morador da zona rural na graduação, alguns entrevistados disseram que há incentivo para buscar conhecimento e oportunidades de graduação nas cidades, especialmente para as mulheres. Um deles é importante: "Em relação ao incentivo da comunidade, vejo um maior apelo às mulheres, para que sigam outros caminhos, já que o serviço de roça é tão pesado e cansativo." Também foi estudado incentivo para os homens, especialmente voltados para o campo, como cursos técnicos ou faculdades de agronomia. Além disso, o município oferece incentivos, como transporte gratuito para universidades. No entanto, os entrevistados destacaram a falta de incentivo para que os jovens permaneçam na comunidade e usem seus estudos para investir em algo que agregue valor e beneficie a própria comunidade.

Outro ponto relevante abordado foi sobre as ações que deveriam ser desenvolvidas para melhorar a qualidade de vida dos jovens do campo e as políticas que incentivam e apoiam esses indivíduos. Dentre as respostas, destacamos medidas governamentais que valorizam o trabalho

rural, como oportunidades de participação de projetos, cursos e graduações gratuitas voltadas para o campo, palestras do município em parceria com empresas rurais para incentivos o empreendedorismo, e criação de mais cursos técnicos e graduações na região. Uma das entrevistadas resumiu isso dizendo: “É preciso criar programas que incentivem o comércio de alimentos da agricultura familiar, cursos técnicos voltados para gestão de propriedades rurais e mais concursos na área, além de um apoio maior das cooperativas de crédito da região.”

Para concluir, os entrevistados foram questionados sobre sua intenção de retornar ao campo após se formarem, e a maioria expressou o desejo de voltar para residir, não necessariamente para trabalhar. Destaca-se aqui as boas condições de vida que o campo oferece, sendo um conforto de paz e tranquilidade. "Se eu tivesse melhores condições naquela época, provavelmente teria ficado por lá. Sempre foi um ambiente que gostava muito e me identificava", enfatizou um dos entrevistados, acrescentando que "além de ser calmo, quando estava lá me senti cansado apenas fisicamente. Na cidade, o cansaço é mental, o que é pior Por isso, pretendo voltar um dia." Uma das entrevistadas também expressou seu desejo de retornar para a zona rural num futuro próximo: "Por enquanto, não pretendo, mas futuramente, depois de me realizar profissionalmente, quero voltar a morar no campo."

## CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo principal analisar os motivos que levam os jovens do meio rural a permanecerem ou saírem dessa comunidade. Para alcançar esse propósito, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 17 jovens entre 18 e 30 anos.

Os jovens que escolheram permanecer na zona rural e viver nas comunidades concordam que hoje em dia é possível acessar a educação e buscar oportunidades de graduação. Embora nem todos planejem obter uma formação universitária, reconhecemos a importância do aprendizado para agregar valor aos serviços da zona rural. Isso é destacado por Buczenko e Rosa (2018), que discutem como a educação pode gerar valor e oportunidades de vida melhores para os jovens do campo.

Além disso, comprovou-se que a evolução tecnológica facilitou o acesso ao ensino e abriu muitas oportunidades para os jovens do meio rural, contribuindo para o aumento do número de formandos nessa área.

No que diz respeito aos motivos que os jovens escolheram para permanecer no campo, destaca-se o ambiente tranquilo e calmo das comunidades rurais. Apesar dos desafios e do trabalho árduo, eles encontram conforto e serenidade em viver tudo. Além disso, o custo de vida no campo é percebido como mais acessível do que nos centros urbanos. Durante as entrevistas, um dos participantes perguntou que é possível produzir muitos dos alimentos consumidos localmente, e a cooperação entre pequenos produtores e o trabalho em família reduzido para reduzir os gastos e fortalecer a economia doméstica.

Outro aspecto destacado é o desejo dos jovens de inspirar e motivar outras pessoas a permanecerem no campo. Eles estão buscando oportunidades de investimento e empreendedorismo para promover o reconhecimento e o desenvolvimento de suas comunidades. Um exemplo relatado foi o de uma entrevistada que abriu seu próprio salão de estética na área rural, não apenas para ajudar financeiramente sua família, mas também para contribuir para o bem-estar e a qualidade de vida dos moradores locais.

No entanto, a maioria dos jovens expressou a percepção de que as políticas públicas não oferecem um apoio adequado aos moradores rurais, especialmente aos pequenos agricultores. Isso coincide com as observações de Farias, David e Melo (2015) sobre a falta de incentivo governamental aos pequenos proprietários. Os jovens entrevistados enfatizaram a necessidade

de investimentos adicionais em educação para os residentes rurais, passando a agregar valor aos produtos e serviços locais e reduzir a taxa de migração para áreas urbanas. Aqueles que mencionaram iniciativas promocionais positivas destacaram o aumento de cursos voltados para ciências rurais e o apoio financeiro das cooperativas de crédito aos produtores locais.

Para os jovens que optaram por deixar a zona rural, é evidente que todos tiveram oportunidades de estudar ou trabalhar em áreas urbanas ou nas cidades próximas. Além disso, buscavam lazer, melhores condições de vida e perspectivas de carreira, especialmente porque, alguns anos atrás, a qualidade de vida no campo ainda deixava a desejar. Isso reflete pontos discutidos por Spanevello *et al.* (2011), que mencionam a busca por uma vida mais próspera.

Ao serem questionados sobre suas ocupações antes de deixarem o campo, todos mencionaram atividades ligadas à agricultura e ao cuidado das tarefas, além de trabalhos domésticos, principalmente no caso das entrevistadas. Atualmente, esses jovens têm uma visão voltada para o desenvolvimento e a superação das dificuldades que enfrentavam na zona rural. A tecnologia da informação desempenha um papel importante na melhoria das condições de vida dos proprietários rurais e na facilitação das tarefas agrícolas, como também destacado por Nunes *et al.* (2018). No entanto, alguns disseram expressaram a percepção de que o trabalho rural é subvalorizado e exigente.

Em relação aos incentivos para que os jovens possam obter formação sem precisar migrar para áreas urbanas, muitos entrevistados observaram iniciativas do município, como o transporte gratuito para universidades nas cidades. Além disso, há um apoio por parte dos pais, familiares e da comunidade em geral, com uma tendência de incentivo às mulheres para buscar ensino nas cidades e os homens para procurarem cursos relacionados ao campo. Existe a esperança de que, no futuro, esses jovens retornem à zona rural para aplicar os conhecimentos adquiridos.

No que diz respeito às ações de incentivo e apoio aos jovens do campo, os entrevistados destacam a importância de políticas públicas externas para o reconhecimento do trabalho de pequenos proprietários em concursos regionais e municipais. Essas iniciativas podem aumentar a participação dos jovens e de suas famílias, motivando-os a buscar reconhecimento e valorização por seus serviços ou produtos. Além disso, importa-se a importância da assistência que as instituições bancárias podem oferecer aos pequenos produtores da região, facilitando o acesso ao crédito rural e incentivando o desenvolvimento econômico dessas famílias.

Diante do exposto, é evidente que os jovens que optaram por permanecer no campo não têm o desejo de deixar suas comunidades. A tranquilidade e a calma que lá encontramos motivam a sua permanência. Muitos deles concordam que as condições de vida no campo melhoraram com os avanços tecnológicos e que conseguiram viver com conforto com a renda gerada nas propriedades de suas famílias. Além disso, percebemos que a relação entre o campo e a cidade facilita suas atividades e deslocamentos atualmente, corroborando as observações de Tiharro, Dalcin e Anes (2022). Em contrapartida, os jovens que buscam oportunidades nos centros urbanos tendem a permanecer lá por um tempo, uma vez que já se adaptaram à vida na cidade. É interessante notar que alguns entrevistados expressaram o desejo de retornar ao campo, mas apenas para morar.

Sugere-se que novos estudos sejam realizados sobre esse tema, ampliando o número de entrevistas para aprofundar as discussões sobre o sucesso rural e até mesmo propor ações a serem envolvidas pelos gestores públicos da região. Isso contribuiria para valorizar os trabalhadores rurais e promover o crescimento do agronegócio, beneficiando toda a região.

## REFERÊNCIAS

- Alves, C. T. et al. (2013). *A revolução verde na mesorregião noroeste do RS (1930-1970)*. Obtido em [http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/163/1/2013Clovis\\_Tadeu\\_Alves.pdf](http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/163/1/2013Clovis_Tadeu_Alves.pdf)
- Arruda, R. V., & Araújo, V. (2019). A agricultura familiar e as causas que geram o êxodo rural. *Enciclopédia Biosfera*, 16(29). <https://www.conhecer.org.br/enciclop/2019a/agrar/a%20agricultura%20familiar.pdf>
- Breitenbach, R. e Corazza, G. (2017). Perspectiva de permanência no campo: Estudo dos jovens rurais de Alto Alegre, Rio Grande do Sul/Brasil. *Revista Espaços*, 38(29). <https://www.revistaespacios.com/a17v38n29/a17v38n29p09.pdf>
- Breitenbach, R. e Troian, A. (2020). Permanência e sucessão no meio rural: o caso dos jovens de Santana do Livramento/RS. *Ciências Sociais Unisinos*, 56(1), 26-37. <https://www.redalyc.org/journal/938/93868385003/93868385003.pdf>
- Buczenko, G. L. e Rosa, M. A. (2018). A permanência do jovem no campo: contribuições da educação do/no campo. *Revista Ensaios Pedagógicos*, 8(1). <https://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/v8/v8-artigo-1-A-PERMANENCIA-DO-JOVEM-NO-CAMPO.pdf>
- Camarano, A., & Abramovay, R. (1999). *Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos*. [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2651/1/td\\_0621.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2651/1/td_0621.pdf)
- Castro, É. (2009). Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. *Revista latinoamericana de ciencias sociales, Niñez y juventud*, 7(1), 179-208. [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1692-715X2009000100008](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2009000100008)
- Cavalheiro, D. S., et al. (2018). A tecnologia da informação no agronegócio: uma revisão bibliográfica. XVIII Mostra de Iniciação Científica, Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão. *Anais...* [https://www.researchgate.net/profile/Pelayo-Olea/publication/331053438\\_A\\_Tecnologia\\_da\\_Informacao\\_no\\_Agronegocio\\_uma\\_Revisao\\_Bibliografica/links/5c69c0eb299b1e3a5af0200/A-Tecnologia-da-Informacao-no-Agronegocio-uma-Revisao-Bibliografica.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Pelayo-Olea/publication/331053438_A_Tecnologia_da_Informacao_no_Agronegocio_uma_Revisao_Bibliografica/links/5c69c0eb299b1e3a5af0200/A-Tecnologia-da-Informacao-no-Agronegocio-uma-Revisao-Bibliografica.pdf)
- Dutra, R. M. S. e Souza, M. M. O. (2017). Cerrado, revolução verde e evolução do consumo de agrotóxicos. *Brazilian savanna, green Revolution and Evolution of pesticides consumption.* <https://www.scielo.br/j/sn/a/TBHXkV4MshvP3Sd4K7tJ5mG/?lang=pt>
- Farias, L., David, M., & Melo, V. (2015). *Êxodo rural do jovem no estado da Bahia*. Obtido em <https://bibliotecadigital.fpabramo.org.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/61/%C3%8Axodo%20Rural%20do%20Jovem%20no%20Estado%20da%20Bahia.PDF?sequence=1>
- Flick, U. (2013). *Introdução a metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes*. Porto Alegre: Penso.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projeto de pesquisa* (4ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Grando, A. P., Dal Magro, M. L. P. e Badalotti, R. M. (2019). Políticas públicas na promoção da sucessão familiar no meio rural: avaliação das organizações sociais do oeste catarinense. *COLÓQUIO-Revista do Desenvolvimento Regional*, 16(2), 139-160. <https://seer.faccat.br/index.php/coloquio/article/view/1220>
- Hein, A. F. e Silva, N. L. S. (2019). A insustentabilidade na agricultura familiar e o êxodo rural contemporâneo. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 27(2), 394-417. <https://www.redalyc.org/journal/5999/599962752012/599962752012.pdf>
- Matos, A. K. V. (2011). Revolução verde, biotecnologia e tecnologias alternativas. *Cadernos da FUCAMP*, 10(12), 1-17. <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/134>
- Navarro, Z. (2001). Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. *Estudos Avançados*, 15(43), 83-100. <https://www.scielo.br/j/ea/a/mqvB65BvYQ99XyWcY65zCvm/?format=pdf&lang=pt>

- Novakoski, G. A. (2021). *A migração entre jovens da comunidade de Areião, Cândido de Abreu/PR: um estudo de caso sobre êxodo rural*. <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/4635/1/NOVAKOSKI.pdf>
- Nunes, R. P., et al. (2018). Extensão rural e tecnologia sustentável: utilização de biodigestor na agricultura familiar. *Revista Diversitas*, 3(3), 867-876. [https://diversitasjournal.com.br/diversitas\\_journal/article/view/687/667](https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/687/667)
- Oliveira, M. F., Mendes, L., & Vasconcelos, A. C. V. H. (2020). Desafios à permanência do jovem no meio rural: um estudo de casos em Piracicaba-SP e Uberlândia-MG. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 59. <https://www.scielo.br/j/resr/a/rqJZYn8tbSbMnF9CgDXwbQ/?format=pdf&lang=pt>
- Panno, F., & Machado, J. A. D. (2014). Influência na decisão do jovem trabalhador rural a partir ou ficar no campo. *Desenvolvimento em Questão*, 12(27), 264-297. <https://www.redalyc.org/pdf/752/75232113010.pdf>
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2ª ed.). Novo Hamburgo: Feevale.
- Rabello, D., Oliveira, L. B., & Feliciano, C. A. (2014). Permanecer ou sair do campo? Um dilema da juventude camponesa. PEGADA-A *Revista de Geografia do Trabalho*, 15(1). <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/3032/2626>
- Salerno, L. T. O. (2021). *Reforma agrária, revolução verde, agroecologia e suas relações com o assentamento Nova São Carlos (São Carlos/SP)*. [https://repositorio.usp.br/directbitstream/0e9be053-293e-43a9-8651-691b43cce0fb/Salerno\\_LanaTaiOliveira\\_tcc.pdf](https://repositorio.usp.br/directbitstream/0e9be053-293e-43a9-8651-691b43cce0fb/Salerno_LanaTaiOliveira_tcc.pdf)
- Silva, S. S., Antoniazzi, E. A., & Novak, M. A. L. (2019). O Pronaf como instrumento de fixação do agricultor familiar no campo, evitando o êxodo rural. *Desenvolvimento Socioeconômico em Debate*, 5(2), 66-93. <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/RDSD/article/view/4545/5015>
- Spanevello, R. M., et al. (2011). A problemática do envelhecimento no meio rural sob a ótica dos agricultores familiares sem sucessores. *Desenvolvimento em Questão*, 15(40), 348-372. <https://pdfs.semanticscholar.org/9c5d/2f34707903759652f1ca0df9d844a3f69154.pdf>
- Tiherro, R. M., Dalcin, D., & Anes, C. E. R. (2022). Permanecer ou sair do meio rural? O dilema dos jovens formandos do município de Cerro Largo/RS. *Revista Grifos*, 31(57), 01-19. [https://www.researchgate.net/publication/359538206\\_PERMANECER\\_OU\\_SAIR\\_DO\\_MEIO\\_RURAL\\_O\\_DILEMA\\_DOS\\_JOVENS\\_GRADUANDOS\\_DO\\_MUNICIPIO\\_DE\\_CERRO\\_LARGORS](https://www.researchgate.net/publication/359538206_PERMANECER_OU_SAIR_DO_MEIO_RURAL_O_DILEMA_DOS_JOVENS_GRADUANDOS_DO_MUNICIPIO_DE_CERRO_LARGORS)
- Troian, A., Dalcin, D., & Oliveira, S. V. (2011). Jovens e a tomada de decisão entre permanecer ou sair do meio rural: um estudo de caso. *Revista de Extensão e Estudos Rurais*, 1(2). <https://periodicos.ufv.br/rever/article/view/3286>
- Viero, V. C. e Silveira, A. C. M. (2011). Apropriação de tecnologias de informação e comunicação no meio rural brasileiro. *Cadernos de Ciência e Tecnologia*, 28(1), 257-277. <https://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/12042>
- Zarpon, M. C., et al. (2015). Tecnologias digitais: promovendo o desenvolvimento sustentável para o jovem do campo. *REGET Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas*, Santa Maria, 19(1), 64-70. <https://www.engema.org.br/XVIENGEMA/16.pdf>